

MAR 1997

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

Conversas com FH (II)

• O ministro Luís Felipe Lampreia é quem fala grosso com os representantes dos Estados Unidos, em nome do Brasil. Em Recife, na reunião preparatória para a conferência que, em maio, discutirá, em Belo Horizonte, o cronograma da Alca, o mercado comum proposto pelos americanos, deixou claro que não temos pressa, mas temos queixas. E pediu para ver as credenciais dos interlocutores, um pedido pouco diplomático.

Perguntar pelas credenciais é perguntar pela autorização do Congresso para o Executivo assumir compromissos comerciais, o *fast track*. Clinton não o tem e o Congresso tem maioria republicana. É evidente que Lampreia, cordial e prudente como bom diplomata que é, não sai por aí pisando calos se não tiver as costas quentes.

Até o Governo Clinton, os Estados Unidos não tinham uma política elaborada para a América Latina. Traçavam diretrizes caso a caso, conformes as circunstâncias. A sua única posição consistente era a de manter o bloqueio a Cuba, para agradar aos eleitores cubanos que vivem na Flórida. No mais, mantinham a recomendação de Nixon: negligência benigna. Para que iriam se preocupar com um grupo de países que não lhes dava trabalho?

Para o Brasil, a negligência benigna dos Estados Unidos é a política mais favorável possível. Não se metem nos nossos problemas internos, não nos aporrinham com lições de moral e nos deixam espaço livre para trabalhar na nossa área de interesse, que é a América do Sul. Por isto é que, para nós, um presidente republicano, isolacionista, é sempre melhor que um democrata. Os democratas são enxeridos e acreditam que receberam de Deus a missão de salvar os outros de si mesmos.

A proposta da Alca, ampliação do Nafta, tratado de integração das economias da América do Norte, surgiu, meio de improviso, na cúpula de presidentes, reunida em Miami. O Brasil compareceu bicéfalo: com o presidente em exercício e o presidente eleito. Itamar não queria saber de diplomacias e de gringos que falam uma língua arrevesada. Acha-va chato. Andava namorando a June, lembram? Fernando Henrique foi surpreendido pela proposta. Mesmo assim, disse que 2005, a data estabelecida pelo vice-presidente Al Gore para a entrada em vigor da Alca lhe parecia um tanto apressada.

O Brasil trabalha para consolidar os dois blocos sul-americanos — o Mercosul, que já é um sucesso, e o Merconorte, com a Venezuela e a Colômbia. Depois é que, juntos, negociariam um acordo aduaneiro com o Nafta. A data de 2005, para nós, seria um princípio de conversa, não o fim.

Uma eliminação de barreiras aduaneiras agora, diz Lampreia, arrasaria com a indústria nacional. Por outro lado, ele pede que os Estados Unidos dêem, na prática, a prova de que são a favor da liberdade de comércio, como dizem na retórica: suspendendo os gravames que impõem às importações do Brasil.

Fernando Henrique diz que não entrará em nenhuma batalha contra os Estados Unidos, porque não entra em jogo perdido. Mas afirma que o Brasil continuará a lutar pelos seus interesses pontuais, caso a caso, que envolvem produtos como o suco de laranja, o aço, o

fumo e os sapatos. As barreiras contra essas exportações nos custam muitos bilhões de dólares por ano.

Na cabeça do presidente há um grande projeto: a unificação econômica da América do Sul, tendo como eixo o maior mercado, que é o brasileiro. Diz:

— No passado, quando ainda era ministro da Fazenda, o Brasil importava quase todo o seu petróleo do Oriente Médio. Era uma decisão tomada no tempo dos governos militares, quando a hipótese de guerra ainda era a do Império: no Rio da Prata. Ao mesmo tempo, os argentinos reclamavam do superávit brasileiro nas trocas bilaterais. Hoje, importamos um bilhão de dólares de petróleo argentino e 600 milhões da Venezuela.

— Estamos mudando a nossa matriz energética. Temos, com a Argentina, um acordo de conversão da hidroeletricidade, cujo excedente desaparecerá na medida que os países crescerem. Conseguimos, com muita luta, fazer com a Bolívia um acordo para a compra de gás, que abastecerá São Paulo e o Sul. Os dutos já estão sendo colocados. O Peru deve aderir a esse projeto, com um gasoduto que se ligará ao da Bolívia. No Norte, já temos um acordo com a Venezuela para abastecer Roraima com a energia da barragem de Gúri. Pensamos em levá-la até Manaus, mas os estudos mostraram ser melhor abastecer a Zona Franca com o gás de Urucum, da Petrobras. Estão agora em andamento estudos para importarmos carvão da Colômbia para termoelétricas no Nordeste. Com os venezuelanos, ainda temos muito espaço para aumentarmos as nossas trocas.

Fernando Henrique sabe que o canto de sereia americano tem uma sonoridade especial para os países do Pacífico. Até mesmo a Argentina, cuja integração com a economia brasileira já é muito sólida, tem as suas tentações. Acha isto natural e diz que devemos ser tolerantes e ter paciência. O Chile, por exemplo, é um país com uma pauta de exportação muito simples: cobre, papel, frutas e peixe. O mercado da Califórnia é um grande ímã. Mas o presidente Eduardo Frei, tal como o seu antecessor, tem a vontade política de integrar-se ao Mercosul, que já é o seu principal comprador. O Peru já deu os primeiros passos para a integração. A Colômbia e o Equador acabam vindo também.

Mais tarde, consolidados os blocos, o Brasil poderá negociar com os Estados Unidos multilateralmente, em uma posição mais forte.

Não somos ainda cachorro grande. Mas luluzinho de madame também já deixamos de ser.

Provoquei o presidente, dizendo que achava a embaixada de Buenos Aires um cargo tão importante que deveria ser reservada para o próprio chanceler. Respondeu:

— Eu também acho.

*2 MAR 1997